

Bônus globais reforçam reservas do País

Para ex-ministro, captação de recursos também vai dar mais espaço para a política de juros

DENISE NEUMANN

A emissão de bônus globais do Brasil no exterior, no valor de US\$ 3 bilhões, ajuda as contas externas brasileiras. Desse total, cerca de US\$ 1,5 bilhão vão auxiliar a recomposição das reservas internacionais do País. A captação reduz a possibilidade de o governo aumentar a taxa de juro para atrair o capital externo, mas ainda não significa que o custo do dinheiro poderá ser reduzido, pois há expectativa de alta dos juros norte-americano até o final do ano.

"Essa captação reforça as reservas internacionais e dá mais espaço para a política de juros", diz o consultor e ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega. A deterioração da balança comercial e a queda nas reservas, observadas em abril, fizeram muitos analistas defender o aumento dos juros para melhorar as condições de atração de capital externo, afirma.

"Essa colocação de bonds enterra essa expectativa de vez." Isso não significa retomada do processo de queda da taxa de juros interna, interrompido em maio e mantido em

junho, pondera Mailson. "Depende do comportamento dos juros no mercado internacional."

A captação, na sua avaliação, mostrou que a emissão de papéis no exterior é uma alternativa para cobrir o déficit em transações correntes. "Essa emissão inicia, de fato, uma nova trajetória para o endividamento externo brasileiro."

Marcelo Carvalho, chefe do De-



Mailson: "Uma nova trajetória para o endividamento externo"

TÉCNICO VÊ CONFIANÇA DE INVESTIDORES EXTERNOS

partamento Econômico do JP Morgan, vê três sinais positivos na captação de emissão de US\$ 3 bilhões: é um sinal da confiança dos investidores externos, cria um padrão de referência para novos lançamentos, até do setor privado, e permite o incremento das reservas internacionais. "A captação ajuda no financiamento das contas externas." Essa é uma das preocupações com o andamento da economia brasileira, diz.

Como há previsão de que o déficit em transações correntes (que inclui a conta de comércio, mais serviços e transferências unilate-

rais) fique entre 4% e 5% do Produto Interno Bruto (PIB), indicando um déficit total com o exterior de até US\$ 36 bilhões, o Brasil precisa atrair capital externo para ajudar a financiar essa conta negativa. É uma forma de impedir que o País use uma parcela significativa das reservas internacionais para fazer esses pagamentos.

Carvalho não prevê queda expressiva dos juros no mercado interno. "Ficaria surpreso se isso ocorresse, a taxa de juros está muito próxima do piso", avalia. Ele diz que o JP Morgan estima que o Fed, o banco central dos EUA, vai elevar os juros internos em 0,50 ponto-base até o final do ano. Por isso, pondera, há poucas expectativas de o Brasil reduzir sua taxa.

"The Wall Street" destaca o sucesso da operação

Jornal mostra vantagens dos papéis brasileiros em relação aos bônus dos EUA

A operação de colocação de bônus globais brasileiros no mercado nova-iorquino ganhou destaque ontem na imprensa econômica internacional. O diário *The Wall Street Journal* chegou a mostrar vantagens comparativas dos papéis brasileiros com os bônus do Tesouro americano com vencimento em 30 anos, os T-bonds.

Segundo o *Journal*, o bônus brasileiro atraiu o investidor americano e internacional por oferecer a excelente taxa de 10,896% ao ano, "quase quatro pontos percentuais acima dos

rendimentos dos T-bonds".

A agência classificadora de risco norte-americana Duff & Phelps Credit Rating Co., enquanto isso, atribuiu a classificação BB- à emissão de US\$ 3 bilhões em bônus globais de 30 anos do Brasil. O rating é o mesmo que a Duff & Phelps atribui à dívida brasileira.

"O rating BB- do Brasil reflete o compromisso do governo com a estabilidade macroeconômica e as reformas estruturais sob o Plano Real, lançado em julho de 1994", destaca o relatório. Segundo a Duff & Phelps, o rating do bônus lança-

do após road show do diretor de área externa do Banco Central, Gustavo Franco, ficou limitado pela possibilidade de o "esforço para as reformas estruturais do governo perder impulso".

RISCO DOS TÍTULOS É IGUAL AO DA DÍVIDA

José Paulo Lacerda/AE



Franco: aprovação de reformas reduz classificação de bônus

BREVES